

B

N.º 3819

R.º

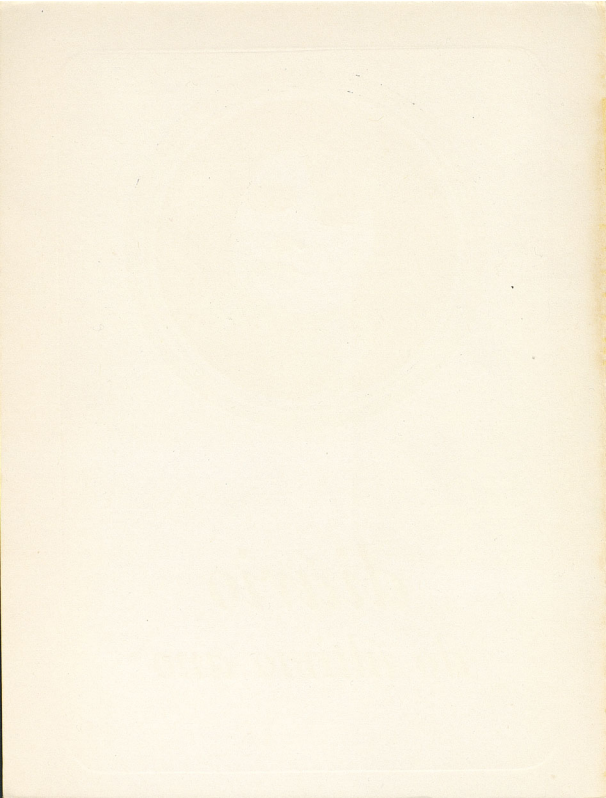
174



FLORBELA ESPANCA

*diário*  
*do último ano*

LIVRARIA BERTRAND







13379

FLORBELA ESPANCA

diário

do último ano

Natalia Cordeiro



DEP. LEGAL

LIVRARIA BERTRAND  
LAFAYETTE 11 - AMSTERDAM



13  
143.814

FLORBELA ESPANCA

*diário*  
*do último ano*  
seguido de um poema sem título

edição fac-similada  
com um prefácio  
de  
NATÁLIA CORREIA



31. MAI 1982

DEP. LEGAL



LIVRARIA BERTRAND  
APARTADO 37 — AMADORA

FLORRIBEL A ESPANCA

diário

do último ano

escrito de um poeta sem título



Publicado em Évora  
em 1982  
por a Livraria Bertrand

© Livraria Bertrand, SARL, 1982

2.ª edição

Composto e impresso nas oficinas gráficas da Livraria Bertrand  
(Imprensa Portugal-Brasil). Rua João de Deus — Venda Nova — Amadora

Acabou de imprimir-se em Fevereiro de 1982



## Prefácio



## A DIVA

*Este diário é o registo dos últimos dias de uma virgem prometida à morte. Tudo na poesia de Florbela Espanca, poesia concupiscente do uso inteiro das sensações, nos encaminha para esta subida ao zénite da sua realidade arquetípica. Só quando talhada no mármore da morte a sua virgindade essencial, cessará o crescendo do gesto histriónico em que ela encarna o pathos da sua vontade de tragédia. Coquetismo patético com que Bela nos vai atraindo para o espectáculo final: a apoteose suicida do seu exibicionismo. Actriz do seu ser mítico de que está assombrada, Bela representa-se como diva do simbolizante feminino. A frívola dissipa-se na inconstância da sua insaciabilidade, sempre a pedir novos enganos à vida, a provocar o clímax da sua agonia para expirar, na morte, o hálito puro da profunda. Os adereços da sua tragédia têm a futilidade das paixões vãs e fugidias que a consomem; a barateza das jóias de um guarda-roupa teatral: as pérolas do*

colar com que, nos lances dramáticos da sua sede de ser única, Bela aperta cada vez mais o seu pescoço de cisne até soltar o canto que se requinta quando a ave real dos lagos vai morrer. Esse pechisbeque fulgente do cognato frívolo da sua profundidade sequiosa de infinito — requisito bicéfalo da vigência mítica de que Florbela é sujeito dramático — chispa nas fulgurantes banalidades dos seus versos. Uma poesia maquilhada com langores de estrela de cinema mudo. Carregada de pó-de-arroz. Mas quem espalha essa poalha perfumada é a mão da virgem que nela se envolve para velar a sua intangibilidade. E mais se esconde quanto mais persuasivos forem os ritmos sensuais da fútil. Bela estende-se na chaise-longue dos seus quebrantos de diva de versos. Muito a preceito da corte de literatos menores. Uma cadelinha de luxo acarinhada no chá-das-cinco das senhoras do Modas e Bordados e do Portugal Feminino. Só nos arraiais deste diletantismo intelectual but-doré queimam incensos pela sua extravagância. A sua estreme feminilidade é insensível a rupturas engendradas pelas crises do discurso lógico masculino. O Orpheu, a Presença intranquilizam os patriarcas do soneto? Simulação de diferenças a cobrirem o cerne do mesmo. Sacerdotisa do Eterno Feminino, Florbela automarginaliza-se desses vanguardismos que parecem desmanchar as antiguidades poéticas. A sua originalidade é a imperimível mensagem do fatum que se inscreve no princípio feminino. A dança mágica que representa os movimentos

*cíclicos da vida e da morte; génese dos mistérios donde nasce o drama. A teatralidade de Florbela é a interpretação genial deste mistério feminino que se desgarra na gesticulação dramática da poetisa. Sim, chamar-lhe-ei poetisa. A homenagem que distingue o génio poético feminino com o prémio de lhe masculinizar o estro ultraja uma poesia que quer feminizar o mundo com a magia da sua claridade lunar.*

## A BELA E O ESPELHO

*Desprende-se deste diário o aroma das flores e perfumes do camarim em que a actriz se prepara para entrar na última cena: a morte. Bela enfeita-se para seduzir o absoluto. As linhas serenas, puríssimas, indecifráveis, que só a morte sabe esculpir como único remate possível do palácio de quimeras: a ambição, o amor, a glória. Nesta disposição conjuratória da morte transfiguradora, Bela vê-se ao espelho. Pede-lhe que a desembruxe do seu cliché de caçadora de frémitos: a endiabrada Bela. Examina-se feição por feição. Como pode aquela amálgama grosseira e feia, grotesca e miserável fazer versos? O espelho só lhe mostra os truques carnis de caçadora de emoções — as feras — que, na*

*via sinuosa da sua lírica erótica, semeia tantas ciladas. Bela vai ao ponto de simular-se escrava aos pés do seu dono e senhor — ela, a impossível! — para enlear o macho numa maravilhada rendição feminina:*

Que te seja propício o astro e a flor,  
Que a teus pés se incline a terra e o mar,  
P'los séculos dos séculos sem par,  
Ó meus Deus, ó meu dono, ó meu senhor!

*Mas é o próprio ritmo erótico da feiticeira que a instiga a demolir os ídolos que engendra, uma vez cumprida a magia de os subjugar ao fascínio da sua fingida passividade. Ruge então a gargalhada que varre a proa dos títeres da sua feitiçaria:*

Eu não sou de ninguém!... Quem me quiser  
Há-de ser luz do Sol em tardes quentes;

*Florbela manipula o fraseado amoroso como Circe os seus filtros. Confessa-o neste diário, com a lisura de uma alma que quer entrar na morte como um cristal transparente: «Até hoje todas as minhas cartas de amor não são mais que a realização da minha necessidade de fazer frases.» O subentendido é ressaltante: a sua necessidade de fazer sortilégios. Ora enredando o macho na teia das oferendas que lhe roja aos pés; ora emplumando os seus atractivos na dança afrodisíaca da pavoia. Nesta*

*instância narcisística, chamo-o com a sua cinta esbelta e fina, com a sua pele de âmbar, com os leves arabescos do seu corpo, com as suas frágeis mãos de madona florentina, com os seus olhos garços. Chega inexoravelmente o momento de a narcisada se afogar na autocontemplação da beleza que ela quer apurar nessa egolatria. E a fragilidade e a morte unem-se na flor consagrada a Hades. O espelho só reflecte escombros. Uma amálgama grosseira, decomposição cadaverosa dos encantos da feiticeira. Sente-se afundar: «Sou o ramo de salgueiro que se inclina e diz que sim a todos os ventos.» Ah, não, existe outra coisa. Florbela roga ao espelho que não mais a castigue com os escárnios do seu simbolismo satânico. Desafia-o a que se revista do sentido immaculado, marial, para que nele incidam os raios luminosos do «desenho firme» que está sob o montão dos detalhes: «Porque me não esqueço eu de viver... para viver?» Interprete-se: porque não me esqueço eu Desta, para ser a Outra? Qual?*

*Logo no dia em que inicia este monólogo com a solidão em forma de diário, Florbela toma a disposição de questionar o seu ser misterioso, intangível, secreto. As infinitas possibilidades da Outra só definível na transfiguração prometida pela morte. O seu coquetismo espiritualiza-se agora no toucador da Bela que se alinda para cativar o Absoluto. O absoluto feminino da virgindade partenogenética. É a tensão para esta maternidade virginal que lhe coloca os braços naquele gesto que ela*

*faz às vezes de quem segura um filho ao colo. Mas não de carne e osso, alerta-se, como receando ver-se implicada numa procriação carnal. O gesto materno ritualiza tão-somente a tutela lunar, artemísica da fecundidade. Surpreende-se, neste mimetismo mágico, a aspiração a uma concepção imaculada; o cerne inviolável da «amorosa sem luxúria», da «casta sem formalidades» intangível às poses de este e aquele e o outro e toda a gente. Todos os que, devassando-lhe o corpo, não tocam no sacrum da virgindade ôntica do ser feminino. São o ninguém masculino na ordem secreta da Mulher Primordial. É sob este prisma mítico que se atea o clarão em que Bela, a Bela do baile dos seus fantasmas, nos aparece neste diário em que soa a hora marcada para ela entrar na urna de vidro. Poderemos vê-la, então, à transparência.*

## A VIRGEM CAÇADORA

*O atributo venatório ilumina o ser mitológico de Florbela. Nele contracenam os predicados contraditórios de Diana: virgindade e morte; treva e luz; sedução e castidade; infecundável e fecundante, enquanto propiciadora de esposais e partos. A integridade da lumi-*



*nosa exige o extermínio da virilidade que a solicita; que ameaça a castidade da incorruptível em que reside a plenitude da essência feminina. A crueldade do virgo divino arma o braço da caçadora de desejos animais. Vara-os com as suas flechas. Priva-os do instrumento sacrílego da sua pretensão de quererem possuir uma deusa.*

*Logo do primeiro dos seus três casamentos, Bela dá desconsoladas notícias à sua amiga Júlia Alves. Confidencia-lhe numa carta (30-6-1916) a repugnância que o corpo essencial da sua castidade sente perante a posse: «O casamento é brutal, como a posse é sempre brutal, sempre...» «Só para as mulheres, as tais mulheres mais animais que espirituais, é que o casamento não é a desilusão de sempre.» Esta repulsa vestálica de Florbela por um acto que a faz descer às baixas regiões da animalidade é repetidamente transmitida à amiga com quem se abre num à-vontade de gineceu. Noutra carta, esta datada de 1 de Julho de 1916, a poetisa volta a desabafar com Júlia Alves a sua penalização de maridada: «Acho o casamento uma coisa revoltante! E isto por uma única razão, mas que para mim é tudo, para mim e para aquelas mulheres que não são apenas fêmeas: para todas as delicadas, para todas as que têm pudor, espírito e consciência. Essa razão é a posse, essa suprema e grande lei da Natureza que, no entanto, revolta tudo quanto eu tenho de delicado e bom no íntimo da minha alma.»*

*A impossível reclama-lhe que se desprenda dos laços matrimoniais, destes e dos que se irão seguir, para consumir a índole dianesca da desvirilização cinegética. A caçadora retesa o arco das suas seduções para impelir as setas de prata do seu sacerdócio castrador:*

— Meu corpo! Trago nele um vinho forte:  
Meus beijos de volúpia e de maldade.

*A cupidez viril deixa-se envolver na dança dos leves arabescos do seu corpo. Como a noite suga o dia, a portadora de luz nocturna vai absorver o princípio solar masculino degradado na besta que, na morte, o libertará. Na convulsão espasmódica do macho entreabre-se o ser luminoso, já fulgente nos dedos que o fazem sair do presidio da animalidade:*

São os dedos do Sol quando te abraço,  
Cravados no teu peito como lanças.

*Lanças. Garras. Instrumentos sanguinários do demónio dianesco que expõe a deusa nua no acto de banhar-se para seduzir Actéon. Diana manipula a heresia para a castigar, instigando os cães do sacrílego voyeur a que o devorem. Uma ferocidade feminina? Não. Os cães de Actéon simbolizam as forças da lascívia masculina devorantes do sujeito que recebe passivamente*

*a acção da própria animalidade. Os cães da concupiscência actéonica são cúmplices das garras da caçadora:*

Se as minhas mãos em garra se cravaram  
Sobre um amor em sangue a palpitár...  
— Quantas panteras bárbaras mataram  
Só pelo raro gosto de matar!

*O signo artemísico desta cinegética erótica desvenda-se no terceto final do mesmo soneto:*

O amor de um homem? — Terra tão pisada,  
Gota de chuva ao vento baloiçada...  
Um homem? — Quando eu sonho o amor  
[de um Deus!...

*Florabela ergue-se à sua transcendência assimiladora da energia viril que, fulminada na sua animalidade pelo espírito da Deusa Virgem, se converte em potência celeste. O deus com que sonha? Decifre-se: a luz solar que a Lua recebe. O princípio macho que, exterminado na sua natureza bestial pela caçadora, renasce dentro dela como princípio fecundante da infecundável. O seu irmão luminoso. No frenesi castrador de Florabela revela-se a sua piedade fraternal pelo ser radioso com que miticamente se irmana. Usa-se eroticamente como um*

*filtro que dá a beber ao macho o esquecimento do animal que envilece a sua espiritualidade solar:*

Para que os corpos vis te não desejem,  
Hei-de dar-te o meu corpo e a boca minha  
Pra que bocas impuras te não beijem.

*A dualidade sedução-castidade é demasiadamente flagrante na poesia de Florbela para que não reforce este enfoque dianocturno da sua insaciabilidade nocturna; o regime lunar que regula a alternância incessante das inclinações descendentes e ascendentes do seu temperamento:*

E a noite sou eu própria! A noite escura.

*As metamorfoses apoderam-se do seu contorno lunar. Ora chama: o lume dos desejos em que incinera a degenerescência genital do princípio masculino para que ele renasça espiritualmente das cinzas. Ora neve branca e misteriosa: a impassibilidade virginal da monja de marfim, Soror Saudade. Ora rugido de tigre na floresta: a cólera devastadora do reino animal, no desenfreamento cinegético da castradora piedosa. Ora pedra funerária: a afinidade sacramental da virgindade com a morte. É nos tranSES da sua tipologia lunática que Florbela dramaticamente se interpreta como «criaturinha fantástica e estranha». Patética assunção da vigên-*

*cia nocturna de que são súbditos os crescentes e minguantes do seu humor; o plenilúnio da sua claridade virginal intacta no reino invisível de que é infanta; e essa mesma invisibilidade amargada no nuvilúnio da que passa e ninguém vê, a clamar pelo rito neomênico devido ao mistério da sua ocultação. Quem a ouve? Como reconhecer a impassibilidade divina da mesma na triforme?: Selene, a alada princesa das quimeras. Artémis, que só aos espíritos banhados pela luz da sua castidade dá a comer as flores e os frutos do seu bosque sagrado. Hécata, a dos encantamentos que arrastam os enfeitiçados para as suas sombras uterinas donde renascerão no vigor espiritual do avatar luminoso. Quem a descobre, nesta trifácica representação da Única? Ela mesma nos desesperos que a vão paramentando para a morte. Tenta ver-se reflectida numa água que não esteja turvada pela interposição da racionalidade. Uma água translúcida que integralmente espelhe o seu ser secreto. Bela vislumbra-a nos olhos do seu cão: «Em que rosto humano, num outro mundo, vi eu já estes olhos de veludo dourado, de cantos ligeiramente macerados, com este mesmo olhar pueril e grave, entre interrogativo e ansioso?» Esta enternecida comunhão de Florbela com o animal que já lhe lambe as mãos prestes a desprenderem-se da vida é anotada no primeiro dia treze do ano da sua morte. A relação simbólica do número com o arcano artemísico da morte e da ressurreição reforça a soberania do mito dianesco no*

*drama de Florbela: terror e êxtase de virgem prometida à morte. A respectividade do cão ao seu ser mítico terá forçosamente de excitar-lhe a febre questionadora que sobe à medida que o fim se aproxima. No dia 3 de Fevereiro, num grande esforço de compreensão, mergulha mais fundo os seus olhos nos olhos do animal procurando desvendar-lhe a alma de princesa encantada por qualquer fada má: «Tu que queres? E os olhos respondem-me e eu não entendo... Ah, ter quatro patas e compreender a súplica humilde, a angustiosa ansiedade daquele olhar! Afinal... de que tendes vós orgulho, ó gentes?...» Neste impulso quadrúpede, Florbela quer identificar-se com o companheiro fiel das arremetidas cinegéticas do seu tempo mítico. Demonstrar-se incorruptível nessa descida ao nível do animal da sua eleita matilha de deusa caçadora. Inflexão só humilhante nas falsas categorias do mundo dos mortais; exaltante na ordem mítica em que o Kion da caça divina adquire a sublimidade dos astros. Esplende mormente no fulgor de Sírio, entre os brilhos constelados no Cão Maior.*

*Neste confiteor em que Florbela se socorre do cão como testemunho da Virgem Caçadora, o recorte da diva exilada entre mortais começa a ajustar-se ao perfil do seu fantasma dianesco. Conjecturo que ele lhe apareceu pela primeira vez no templo da deusa, na rebenção pagã da sua puberdade já provocadora de paixões violentas. A infantazinha chegada da quietação solarenga de Vila Viçosa solta seus belezos de jovem feiti-*

*ceira em Évora. Exercita-os no meio estudantil, cobrando galanteios e serenatas por suas factícias poses de sedutora. Remira-os na magia do luar que ilumina o Templo de Diana. Florbela reconhece o lugar sagrado onde os desejos carnis eram degolados em honra da castidade da personagem mítica que desempenha. O estudante que a virgem feroz atraiu ao seu covil cobiça-lhe um beijo. Bela enflora-se dos encantos vitoriosos da mulher intangível. Esquiva-se à carícia que o afogueado jovem lhe roga em esgares de lubricidade plebeia. Nesse desprezo da castidade indemne aos desejos que ateia, Bela descobre-se improfanável. Ganha a agilidade erótica da caçadora de machos. Os que sofrerem as setas da sua magia venatória, submetem-se à amputação dos seus órgãos sexuais; como os sacerdotes de Diana em Éfeso. Consumada a eliminação da opacidade animal que aprisiona o fulgor apolíneo da masculinidade, o conteúdo arquetípico de Bela absorve-a. Interioriza o ponto mais alto da sua natureza luminosa.*

## APELES — APOLO

*Bela veste de roxo as suas recordações. A sua rêverie espiritualiza-se. O olhar levita à altura da lividez*

*radiosa do desaparecido e acaricia-o de passagem. Teme deter-se, enfrentar a consequência inevitável de o seu sistema nervoso estar ligado ao do morto. Desde que ele se afundou nas águas do Tejo numa última pirueta de Faetonte, Florbela perdeu o sono. Para combater a insónia, encharca-se de soníferos manipulados pela farmacopeia da morte.*

*É imprescindível inserirmos no mito dianesco de Florbela esse irmão aviador com quem ela tem uma relação narcísica. Apanhemos estas palavras no ofertório que a irmã viúva faz das suas lágrimas ao querido morto no livro *As Máscaras do Destino*: Aquele que é igual a ti, de alma igual à tua, que é o melhor do teu orgulho e da tua fé... Aquele que é a parte de ti mesma que se realiza. Aquele que das mesmas entranhas foi nascido. Que ao calor do mesmo amplexo foi gerado. Aquele que traz no rosto as linhas do teu rosto, nos olhos a água clara dos teus olhos...*

*Florbela exalta no irmão belo e altivo a sublimidade solar da sua própria natureza luminosa. Para maior evidência deste uníssono vibrátel, meditemos na propriedade apolínea contida nas sílabas do nome do irmão: Apeles. Uma impressionante consonância onomástica com Apolo. Torna-se ainda mais atraente formular na fraternidade mística de Florbela com o irmão uma réplica da geminação de Apolo com Diana. Na referida dedicatória, Bela enaltece em Apeles a verdade que nenbuma sombra obscurece; a altura que a faz*



*erguer os olhos; a beleza que a obriga a encarar, sorrindo, as coisas vis e feias deste mundo. Daqui corre o pranto com que Florbela amassa no seu conto O Aviador um requiem pelo irmão alado que, ao ultimar as provas para tirar o brevet de aviador, se despenhou nas águas do Tejo. O desastre de aviação que vitimou Apelles Espanca é flagrantemente transfigurado na peripécia fatal que afundou Faetonte nas águas do Erídano. O modelo mítico não o explicita Florbela. Nem podia fazê-lo, já que ele é um dos ordenadores do seu mistério. Mas compare-se o conto de Ovídio com o canto fúnebre que Florbela desdobra sobre a morte magnífica do aviador. O paralelismo é por de mais patente para que o encontro das duas narrativas não seja forjado pelas forças reveladoras do acaso objectivo.*

*Faetonte, filho de Apolo, quer atingir o auge da sua espécie radiosa e persuade o pai a confiar-lhe a condução do carro luminoso. A corrida vertiginosa ultrapassa a rapidez dos ventos. Mais alto! Mais alto! Faetonte é o senhor dos céus. Cai em êxtase. As suas mãos perdem peso sobre as rédeas. Os cavalos de fogo tomam o freio nos dentes e, nos caprichos do seu louco galope, aproximam-se da Terra e incendiam as montanhas. Júpiter fulmina o arrogante causador desta desordem universal. Todo em labaredas, Faetonte despenha-se no espaço e afunda-se no Erídano, o rio misterioso que jamais olhos mortais viram. Apiedadas do jovem que na morte expiou o orgulho de reclamar-se filho do Sol, as ninfas do Eri-*

dano dão-lhe sepultura condigna da sua magnífica ousadia de rebento de Apolo. De pranto que vertem sobre o túmulo de Faetonte, suas irmãs, as Heliades, ficam transformadas em álamos. As suas lágrimas perpetuam-se em cintilações de âmbar nas águas eternas do Eridano. Interminável carpir que passa à alma de Florbela na dor em que ela se vê condenada a tremer continuamente como as folhas do álamo. Deste lamento derivam as imagens que se encadeiam n'O Aviador; desde o apogeu flamejante do voo do homem com asas até à sua queda nas águas floridas pela eternidade.

*Sigamos a progressão faetônica da narrativa.*

O Sol debruça-se no trágico assombro da temeridade nunca vista do homem alado. As asas rodopiam, ascendem, giram. Acrobacia sublime que transtorna a ordem das coisas. As mãos triunfantes crispadas sobre o comando do carro voador têm o poder de pôr tudo a flamejar. Tudo em ouro. O homem deslumbra-se com a apoteose dourada que produziu. Atira as asas mais alto, escalando os cimos infinitos, já fora do mundo, na sensação maravilhosa e embriagadora de um ser que se ultrapassa. Sente-se um deus! As mãos desencavilham-se, desprendem-se-lhe da terra onde as tem presas um derradeiro fio de ouro... e cai na eternidade.

*As deusas das águas onde o aviador se despenha acolhem comovidas o afogado glorioso. É um filho dos homens? Não, tem asas. É então um filho dos deuses? Mas sorri. As nereidas interrogam-se: que honras fúne-*

*bres serão devidas àquelas magníficas asas mortas? Deitá-las no leito de opalas irisadas que o mar do Oriente mandou às ninfas?, ou na urna de cristal que é como um túmulo aberto onde se avista o céu? Talvez numa gruta de pérolas cor-de-rosa onde fica a madrugada? E vem por fim a sentença adequada ao túmulo natural daquele morto com carne da terra e asas do céu: deixemo-lo nestas águas imortais onde a sua pirueta divina o afundou.*

E aquele que tinha sido um filho dos homens ficou a dormir na eternidade como se fora um filho dos deuses.

*Como se verifica, o modelo faetônico d'O Aviador é irrecusável. A estirpe apolínea de Apeles é retida na identificação do desastre que o sepultou no Tejo, com a façanha do filho do Sol. É indicado adivinhar-se que a dor cruciante sofrida por Florbela com a morte do irmão a despojasse de forças anímicas para resistir ao mito que a sujeitava; que inculcava uma relação de vida e de morte na sua fraternidade mística com Apeles.*

*Extinto o sémen de Apolo, falece Diana que, para se imprimir na vida, o recebe. Dissolve-se o arranjo espectral de Bela que é o ser feminino de Apeles.*

## DEIXAI ENTRAR A MORTE!

*Que resta? Bela interroga-se. A resposta sai-lhe numa exalação de último suspiro cinco dias antes de tombar no campo de batalha que travou com os seus fantasmas: «E não haver gestos, nem palavras novas!» Que resta, então? Repetir o déjà vu. Mas a repetição é-lhe vedada no mundo onde se apagou o comparsa iluminante da iluminada:*

Eu fui na vida a irmã de um só irmão,  
E já não sou a irmã de ninguém mais.

*Chega, portanto, o momento em que a vontade da morte, consócia da sua neurose lunar, se torna impetuosa. A sua morte foi averbada cristãmente como efeito de um edema pulmonar? Já nas sombras do velório a bisbilhotice necrófila coscuvilhava-lhe o suicídio ingerido em barbitúricos mortíferos? Esta polémica fúnebre será gostosa ao biografismo que, para se reclamar de idóneo, pede atestado às aparências. Para o caso do mito individual que trabalha a neurose de Bela, suicídio ou morte por enfermidade tanto dá. Já estivemos mais longe de subentender na doença que corrói a textura somática, uma operação tanatológica do organismo psicológico que, seduzido pelo instinto da morte, faz esmorecer, na morbidade dos órgãos enfermos, o ins-*

*tinto da vida. A passividade do paciente, funciona como uma energia suicida. É esta docilidade perante a morte, psiquicamente mais acentuada num temperamento lunar como o de Florbela, que lhe vai insinuando o encanto sugestivo de ser acariciada pelos dedos veludosos da morte:*

Morte, minha Senhora Dona Morte  
Tão bom que deve ser o teu abraço!

*Bela sonda a esfinge no dia 20 de Novembro: morte definitiva? Morte transfiguradora? Que importa!*

Seja o que for será melhor que o mundo!  
Tudo será melhor do que esta vida!

*A ciclicidade do seu mito dianesco usa a formulação de um além em que, seja o que for, será melhor, para lhe insuflar o desejo de nele renascer. Na noite de 7 de Dezembro, Florbela ritualiza o quod vide da inexorabilidade cíclica do arquétipo lunar que a possui, morrendo no dia do aniversário do seu nascimento. Bela entrega-se à euforia de festejar, na morte, o seu renascimento. Confiava o segredo ao ouvido enamorado de um homem que, no pulsar dos seus versos e nos seus frêmitos existenciais, sabe escutar o coração da virgem no corpo tentador da caçadora. É Guido Battelli, o escritor italiano que a traduz e se devota a editar-lhe o seu livro,*

Charneca em Flor. Ao exprimir-lhe a sua ansiedade por ver publicados os seus derradeiros sonetos, Bela dá como razão dessa pressa a presciência de que morrerá antes de o livro estar pronto. E confia a esse apaixonado que, a talante de ser depositário do segredo de Bela, levará a chave do seu caixão no dia em que nuvens tempestuosas lhe desmancham a gravidade do funeral: «A morte pode vir quando quiser: trago as mãos cheias de rosas e o coração em festa: posso partir.»

É consentível o exibicionismo da suicida. Mas Bela não exhibe padecimentos ao jeito dos furiosos dramáticos do suicídio como arte de cobrar piedade. Ostentando a alegria da morte, Bela quer chamar a atenção para a transparência em que vai entrar. O seu espiritualismo «ultrapassa o céu», escreve a Battelli nas mesmas vésperas da passagem à impassibilidade que procura no repouso infinito da morte. Dormir, dormir «pelos séculos dos séculos.» Só esta ideia a faz sorrir, a ela que é um crivo de insónias desde que parou o coração gémeo que batia em uníssono com o seu. Não a perturbem nesse festivo antegozo do sossego do seu atormentado ânimo lunar. Decifrem-na na morte os que a não compreenderam na vida. A morte é a coroa da virgem que possui o seu ser misterioso, intangível, secreto. A paz que desce sobre essa obsessão lunar da caducidade que já aos vinte e três anos a fazia sentir-se uma velhinha. A eterização selénica prometida no mito que imperiosamente a usa: quer nas variantes eufóricas

*e depressivas do seu comportamento; quer no alimento luminoso com que o irmão radioso a sustenta, definhando-se-lhe a existência quando essa luz lhe falta.*

*Do mito lunar que tenho por incurso nas performances lírica e existencial de Florbela Espanca recolho o tónus dessa mulher lendariamente subjugante porque subjugada a um arquétipo carregado de sortilégios. Das muitas ópticas que propuseram conteúdos narcisísticos, donjuanescos e mariais à obra e vida de Florbela, creio que só uma, a de Vitorino Nemésio \*, aflorou o mito que estua no seu destino de poetisa e musa: «A rapidez com que a lenda se apoderou de Florbela mostra bem como estamos em presença — creio que pela primeira vez na literatura portuguesa — de uma poetisa musa. Mais do que isso: de uma deidade ou de um duende, um ser mitológico de que já alguns poetas autênticos (Manuel da Fonseca, por exemplo) se apoderaram para dele fazerem a alma da planície alentejana, genius loci errante entre o piorno e as estevas.» Não sei se nesta agudeza de Vitorino Nemésio perpassou a incorporação da Caçadora Virginal no ser mitológico de Florbela. A incidência surge-me indestrinçável do carrego lunar da sua neurose; indescernível do gesto d'A que prendeu nas mãos todo o luar; inseparável da santa comunhão com a natureza da que no soneto Panteísmo, departin-*

---

\* *Florbela*, in «Conhecimento de Poesia», p. 231, Publicações da Universidade da Baía, Brasil, 1958.

*do-se por montes, ervas, asas no ar, fontes e terra esbraseada pelo sol, remata:*

A minha alma é o túmulo profundo  
Onde dormem, sorrindo, os deuses mortos!

*Bela abre, na morte, a sua alma em que os deuses nela tumultados lhe pedem, sorrindo, que os acorde. Despertos, ela vê que são seus semelhantes. É a certeza do caminho para a casa da sua imortalidade.*

Lisboa, 13 de Julho de 1981

NATÁLIA CORREIA



DIÁRIO  
DO  
ÚLTIMO ANO

---

1930

Janine 1930

11 - Para mim? Para ti? Para ninguém. Sempre aliam para  
aquele, negligentemente, sem pretensões de estilo, sem análises filo-  
sóficas a que os outros não se atrevem: reflexões, im-  
pressões, idéias, maneiras de ver, de sentir - tudo o meu espiri-  
to paradoxal, talvez profundo, talvez profundo.

Tuam-se, há muitos os vinte anos, a época das análises, das  
complicações de observações interiores. Compreendi por fim que nada  
compreendi, que mesmo nada poderia ter compreendido de mim.  
Restam-me os vinte... Talvez por eles possa chegar às infinitas  
possibilidades do meu ser misterioso, instável, secreto.

Estas horas que se desagregam, que se desfilam entre os meus dedos pa-  
vados, são a que sabe sempre que horas são, que dia é, e que  
faz hoje, amanhã, depois. Estas vinte deslizar o tempo através  
de mim, essa eu que deslizo através dele e sinto-me passar  
com a consciência crítica dos minutos que passam e dos que  
se vão seguir. Como compreender a amargura desta amargura?

Onde paras tu, ó Impenitente, que restes de uma de vida tantas  
vidas? Deus malicioso e feroz que tão lindos mantos tece sobre  
os ombros das mulheres que nascem? Para mim é um fanto-  
cha, uma amarela ora rubicunda de que eu conheço todos os  
fios, de quem eu sei de cor todas as contradições. "Attende  
sans espérer" poderia ser a minha oração, a oração do meu

## JANEIRO 1930

11 — Para mim? Para ti? Para ninguém. Quero atirar para aqui, negligentemente, sem pretensões de estilo, sem análises filosóficas, o que os ouvidos dos outros não recolhem: reflexões, impressões, ideias, maneiras de ver, de sentir — todo o meu espírito paradoxal, talvez frívolo, talvez profundo.

Foram-se, há muito, os vinte anos, a época das análises, das complicadas dissecações interiores. Compreendi por fim que nada compreendi, que mesmo nada poderia ter compreendido de mim. Restam-me os outros... talvez por eles possa chegar às infinitas possibilidades do meu ser misterioso, intangível, secreto.

Nas horas que se desagregam, que desafio entre os meus dedos parados, sou a que sabe sempre que horas são, que dia é, o que faz hoje, amanhã, depois. Não sinto deslizar o tempo através de mim, sou eu que deslizo através dele e sinto-me passar com a consciência nítida dos minutos que passam e dos que se vão seguir. Como compreender a amargura desta amargura? Onde páras tu, ó Imprevisto, que vestes de cor-de-rosa tantas vidas? Deus malicioso e frívolo que tão lindos mantos teces sobre os ombros das mulheres que vivem? Para mim és um fantoche, ora amável ora rabugento, de que eu conheço todos os fios, de quem eu sei de cor todas as contorções. «Attendre sans espérer» poderia ser a minha divisa, a divisa do meu

tão que não se dá ao prazer de fazer frases.

Não tenho nenhum intuito especial ao escrever estas linhas, não vivo nenhum objetivo, não tenho em vista nenhum fim. Enquanto viver, é possível que alguém, ao ler estes descosidos membros, lia o que sente sem o saber dizer, que essa vida tão rara neste mundo — uma alma — se destrua com um pouco de justiça, uma pouco de compreensão, em silêncio, sobre o que eu fui ou o que julguei ser. E realize o que eu não pude: conhecer-me.

12 - Viver não é parar: é continuamente renascer. As cinzas não apuram; as águas estagnadas cheiram mal. Pela! Pela! não vale recordar o passado! O que tu foste, ao teu o sabes: uma corajosa rapariga, sempre sincera para comigo mesma. E lembra-te que esse pouco já é alguma coisa. Lembra-te que detestas os truíes e os prestidigitadores. Não há na tua vida uma si auto covarde, pois não? Lembra-te que mais queres num mundo em que todos se gente e é... mais ou menos? Lembra-te com preconceitos, amorosa sem luxúria, exata sem formalidades, recta sem princípios e sempre viva, exaltantemente viva, miraculosamente viva, e palpitante de vida quente como as flores selvagens da tua tribuna charvaca!

tédio que ainda se dá ao prazer de fazer frases. Não tenho nenhum intuito especial ao escrever estas linhas, não viso nenhum objectivo, não tenho em vista nenhum fim. Quando morrer, é possível que alguém, ao ler estes descosidos monólogos, leia o que sente sem o saber dizer, que essa coisa tão rara neste mundo — uma alma — se debruce com um pouco de piedade, um pouco de compreensão, em silêncio, sobre o que eu fui ou o que julguei ser. E realize o que eu não pude: *conhecer-me*.

12 — Viver não é parar: é continuamente renascer. As cinzas não aquecem; as águas estagnadas cheiram mal. Bela! Bela!, não vale recordar o passado! O que tu foste, só tu o sabes: uma corajosa rapariga, sempre sincera para consigo mesma.

E consola-te que esse pouco já é alguma coisa. Lembra-te que detestas os truques e os prestidigitadores. Não há na tua vida um só acto covarde, pois não? Então que mais queres num mundo em que toda a gente o é... mais ou menos? Honesta sem preconceitos, amorosa sem luxúria, casta sem formalidades, recta sem princípios e sempre viva, exaltantemente viva, miraculosamente viva, a palpitar de seiva quente como as flores selvagens da tua bárbara charneca!

13 - Os olhos se mexem com entusiasmo - me. E um que espreta de  
mãos, num canto mudo, vi eu já estes olhos de veludo branco  
de, de cantos ligeiramente macerados, com este mesmo olhar  
passil e grave, entre interrogativa e ansiosa?

14 - A minha madona chorou e foi-me embora - chorou -  
Eu fui... - e Estoril em julho azul de mar, passear exqui-  
sitos sobre as águas, gerânios vermelhos em grandes umbeladas floridas,  
Passo nela o melhor de meu tempo. Acendo um cigarro... e o fumo,  
sem cinzento agulada, eleva-se quasi a direita, até ao tecto, tal  
pontilhado de uma bicarra folhagem rosa, e de exuberantes rosas em  
dois tons de alaranjado, flores de papel imantadas por cravinhos pa-  
ra divertidas brincas. E a minha a revirar, eleva-se com o fu-  
mo, adheira-se, espraia-se, respiratralisa-se. E o meu olhar  
acassia, se prolonga, o vulto de meu irmão: o meu amigo mor-  
to; sem ra-se, enantado, nas flores das amirchas jarras, ago-  
ra andorinhas todas brancas, lírios rocos feitos de finos crepes  
georgette e, camélias vestidas de turmas de caspaladas. A chuva,  
lá fora, transtia baixinho a sua clara e doce cantiga de vi-  
verem, a sua eterna melódica simples que embala e apaci-  
gua. Lento me só. Quantas coisas lindas e tristes em minha ago-  
ra a Alguem que não existe!

13 — Os olhos do meu cão enternecem-me. Em que rosto humano, num outro mundo, vi eu já estes olhos de veludo doirado, de cantos ligeiramente macerados, com este mesmo olhar pueril e grave, entre interrogativo e ansioso?

14 — A minha modesta *chaise* faz-me lembrar — «excusez du peu...» — o Estoril em Julho: azul do mar, pássaros esquisitos todos asas, gerânios vermelhos em grandes umbelas floridas. Passo nela o melhor do meu tempo. Acendo um cigarro... e o fumo, dum cinzento-azulado, eleva-se, quase a direito, até ao tecto, todo pintalgado duma bizarra folhagem roxa, e de exóticas rosas em dois tons de alaranjado, flores de papel inventadas por crianças para divertir bonecas. E a minha *réverie* eleva-se com o fumo, adelgaça-se, espraia-se, espiritualiza-se. E o meu olhar acaricia, de passagem, o vulto do meu irmão: o meu amigo morto; demora-se, encantado, nas flores das minhas jarras, agora: andorinhas todas brancas, lírios roxos feitos de finos crepes *georgette*, camélias vestidas de duras sedas pálidas. A chuva, lá fora, trauteia baixinho a sua clara e doce cantiga de Inverno, a sua eterna melodia simples que embala e apazigua. Sinto-me só. Quantas coisas lindas e tristes eu diria agora a Alguém que não existe!

15 - Como me lembra hoje o jardim da Faculdade! A minha e-  
cristação neste - e do nome de todas as suas violetas, muita evocação  
do passado. Lá tanto perdidos! Maria Albertina, Tarso, Regato,  
Lemilias, Fontes, Tantas, tantas mulheres! Tantos mortos já! Já  
sem por onde passaram tantos gestos, tantos risos, tantas afluências,  
tão o riso e o fôlego das moças inquietas moçidas, por  
onde vagavam, confiantes e exaltadas, todos os sonhos das moças al-  
mas que ainda acreditavam na glória, na riqueza, na vida e  
em maravilhosos destinos de tanta! Não gostaria de o tomar a  
ver; já não é o meu jardim, já não é o meu jardim, as  
violetas já não são as mesmas violetas, e aquela árvore grande  
que parecia abrigar-se a cuidar-nos, meus amigos vivos, meus  
amigos mortos, já decerto nos não conhecia...

16 - É um encanto agora, quasi todo o seu renouado, o meu  
parque pela Beavista. Com os arvores se sofrem, exprimem  
de a primavera! Possibilidades de vida se renouam, as me-  
culas, si em meus rios diabólicos, as freixas, vestem as magníficas  
as suas vestes de baile: baianos, corados, cor de lilás... saias  
compostas quasi a corer e chôr. Para aquela, peguina, toda  
enfeitada, em brios de jôr, no seu tapete de verde, de taboal,  
este inverno, e seu vestido de baile. Tão nova ainda! Hama na



15 — Como me lembra hoje o jardim da Faculdade! A minha recordação veste-o do roxo de todas as suas violetas, nesta evocação de um passado há tanto perdido! Maria Albertina, Tarroso, Regado, Camélier, Fontes, tantas, tantas sombras! Tantos mortos já! Jardim por onde ecoaram tantos gritos, tantos risos, tantas *blagues*, todo o viço e o frémito das nossas inquietas mocidades, por onde vogaram, confiantes e exaltados, todos os sonhos das nossas almas que ainda acreditavam na glória, na riqueza, na vida e em maravilhosos destinos de lenda! Não gostaria de o tornar a ver; já não é o meu jardim, já não é o nosso jardim; as violetas já não são as mesmas violetas, e aquela árvore grande que parecia debruçar-se a ouvir-nos, meus amigos vivos, meus amigos mortos, já decerto nos não conheceria...

21 — É um encanto agora, quase todos os dias renovado, o meu passeio pela Boavista. Como as árvores se enfeitam, espreitando a Primavera! Polvilham-se de oiro as mimosas, ao crepúsculo riem, num riso diabólico, as peónias, vestem as magnólias os seus vestidos de baile: brancos, rosados, cor de lilás... saias compridas quase a roçar o chão. Para aquela, pequenina, toda empertigada, em bicos de pés, no seu tapete de veludo, é talvez este Inverno o seu vestido de baile. Tão nova ainda! Uma rapa-

paraguinha de quinze annos. E que nome terá aquella senhora tão  
alta, toda de rosa, que me diz sempre adeus, quando passo em  
hondos gestos commovidos? É a outra, mais adiante; de longe me de-  
ressa, amarrado ao cabço a mim, como uma alcatraz? Em que  
tinha exatidão todas as sensações esteticas, sentimentais, intelec-  
tuas, todas as emoções que a minha poderosa imaginação de cues-  
tas e fantasmas e estranhas, tem sabido bordar no tecido inco-  
mum da minha vida mediana, mas exalta ainda, graças aos sen-  
sões, e arrepios de prazer, o estremecimento de extranhezas, este  
« Para quem dizes para tu és que é belo, grande e puro: flue  
a abrir em tanta de expriscado, ramiada de ardore, ou gota de ab-  
na, iras, lumbas, perfumous, azas, todas as belas coisas que me con-  
solam do resto. Tem en apenas uma pontezista? »

22 - Faça as vezes o gesto de quem segura um fello ar col. Non  
fello, um fello de carne e osso, não me interessaria talvez, ago-  
ra mas sinto a este que é apenas amor nos meus braços.

23 - Ondabrada Bela! Extranha abelha que dos mais doces cabi-  
ces se sabe extrair fel! « Para que serve esta creatura a in-  
teligencia, se não se vive de um felly? » dizse, tanta, meu pae,  
indignado. O' ingenho pae de 60 annos, quando é que tu viste as

riguinha de quinze anos. E que nome terá aquela senhora tão alta, toda de roxo, que me diz sempre adeus, quando passo, em lindos gestos comovidos? É a outra, mais adiante, de lenço cor-de-rosa amarrado à cabeça airosa, como uma alentejana? Eu que tenho esgotado todas as sensações artísticas, sentimentais, intelectuais, todas as emoções que a minha poderosa imaginação de criaturinha fantástica e estranha tem sabido bordar no tecido incolor da minha vida medíocre, não esgotei ainda, graças aos deuses, o arrepio de prazer, o estremecimento de entusiasmo, este *élan* quase divino, para tudo o que é belo, grande e puro: flor a abrir ou tinta de crepúsculo, raminho de árvore, ou gota de chuva, cores, linhas, perfumes, asas, todas as belas coisas que me consolam do resto. Serei eu apenas uma panteísta?

22 — Faço às vezes o gesto de quem segura um filho ao colo. Um filho, um filho de carne e osso, não me interessaria talvez, agora... mas sorrio a este, que é apenas amor nos meus braços.

23 — Endiabrada Bela! Estranha abelha que dos mais doces cálices só sabe extrair fel! «Para que quer esta criatura a inteligência, se não há meio de ser feliz?», dizia, dantes, meu pai, indignado. Ó ingénuo pai de 60 anos, quando é que tu viste ser-

vir a inteligência para tomar feijão alguma? Quando, ó ingenuo  
pae de 60 annos? Se se pode ser feijão simplificador, simplificador  
é sempre, arrancando, laminando, esmagando, reduzindo, e a  
intelligencia era em volta de nós uma mara imensa de ondas, de  
espumas, de destellos, no meio de qual se nos deparou o naufragio  
que os resolta, que se debate em nós, que não houve de se fazer  
ser sem estreator de encontro ao facto qualque coisa que anda  
longe: mais de sol ou reflexo de estrelas. E' talis es astris ma-  
tam. La no alto, ó ingenuo pae de 60 annos!

24 - O "Diario de Maria Bashkirtseff é qualque coisa  
profundamente triste, de trancamente humana de não com-  
preendo naquilo grande abnoa o modo da morte. O espectro da  
morte, a ideia da morte, apparece a, esparata a, indigna a.  
E' a sua unica preocupação... e "Faudra forse morire, miserabile  
a Maria? L'ho ai tre figli... Et je ne sçais pas... je veux vi-  
vre, mais grand anime et malgré tout..." "Mon corps pleure et  
crie mais quelque chose qui est au-dessus de moi se refuse  
de vivre pour moi..." "Mas que importa alma! Queria o amor,  
queria o gloria, o poder, a riqueza, queria a felicidade, queria  
tudo. E morreu com pouco mais de vinte annos gritando até ao  
fim que não queria morrer. Como nós comprehendem ella que o

vir a inteligência para tornar feliz alguém? Quando, ó ingénuo pai de 60 anos?... Só se pode ser feliz simplificando, simplificando sempre, arrancando, diminuindo, esmagando, reduzindo; e a inteligência cria em volta de nós um mar imenso de ondas, de espumas, de destroços, no meio do qual somos depois o naufrago que se revolta, que se debate em vão, que não quer desaparecer sem estreitar de encontro ao peito qualquer coisa que anda longe: raio de sol em reflexo de estrelas. E todos os astros moram lá no alto, ó ingénuo pai de 60 anos!

24 — O *Diário* de Maria Bashkistseff é qualquer coisa de profundamente triste, de tragicamente humano. Só não compreendo naquela grande alma o medo da morte. O espectro da morte, a ideia da morte, apavora-a, espanta-a, indigna-a. É a sua única fraqueza. «Il faudra donc mourir, misérable.» «Mourir? J'en ai très peur... Et je ne veux pas.» «Je veux vivre, moi, quand même et malgré tout...» «Mon corps pleure et crie mais quelque chose qui est au-dessus de moi, se rejouit de vivre, quand même...» Mas que imensa alma! Queria o amor, queria a glória, o poder, a riqueza, queria a felicidade, queria tudo. E morreu com pouco mais de vinte anos gritando até ao fim que não queria morrer. Como não compreendeu ela que o

uma crenate passiva à espelha do seu maravilhoso palácio de  
quimeras, de ambigües, de amores, de glória, poderia apenas ser  
realizada por essas lindas aereas, purissimas, inalteráveis que  
só a morte sabe esculpir? Os seus vinte annos não chegaram  
a comprometter a alta e suprema nobreza dos snões que se cre-  
sam, raras lousas mares de sonhos que a vida, em arrojada  
flusão e reflexão, lida e traz constantemente. Pão-cimbro exila-  
do, prague não revoltado tu murmuras, involuntário os carhos, e  
tu deves e sejas a Chave a te abria?

### Fevereiro

3 - Chuvia, vento, nevoa, tristão... e sempre a Floresta, a Flor-  
lela, a Florkela!! Gostaria de entender: Carlos Magno ou Semi-  
rassis, perseguidora ou perseguida, a chorar ou a ser, Eu se-  
ria entra, entra, entra! Não saberia se quis que os meus so-  
nhos eram sonhos: o mundo estaria todo porado de verdades.  
Os meus excêntricos amam meus, as minhas pedras preciosas ca-  
mam minhas; colares, passões, lagrimas, gargalhadas tuas con-  
soria realmente meu. É uma gota de água seria um astro,  
uma espiguiçamba de ervas umos secas e um ramo de árvore  
uma floresta. Per todo é a unica forma de passiva e ra-

único remate possível à cúpula do seu maravilhoso palácio de quimeras, de ambição, de amor, de glória, poderia apenas ser realizado, por essas linhas serenas, puríssimas, indecifráveis, que só a morte sabe esculpir? Os seus vinte anos não chegaram a compreender o alto e supremo símbolo das mãos que se cruzam, vazias dessa maré de sonhos, que a vida, em amargo fluxo e refluxo, leva e traz constantemente. Princesinha exilada, porque não soubeste tu murmurar, encolhendo os ombros, o teu doce e sereno *nitchevo* de eslava?...

### FEVEREIRO

3 — Chuva, vento, dores, tristeza... e sempre a Florbela, a Florbela, a Florbela!! Gostaria de endoidecer: Carlos Magno ou Semíramis, perseguidora ou perseguida, a chorar ou a rir, *Eu* seria outra, outra, outra! Não saberia sequer que os meus sonhos eram sonhos: o mundo estaria todo povoado de verdades. Os meus exércitos seriam meus, as minhas pedras preciosas seriam minhas; cóleras, pavores, lágrimas, gargalhadas, tudo isso seria realmente meu. E uma gota de água seria um astro, uma espiguinha de erva, uma seara e um ramo de árvore, uma floresta. Ser doido é a única forma de *possuir*

maneira de ser alguma coisa se fazem neste mundo.

4- O' Bela imbecil, travessa, como tu fizias, avontas querido. Tran-  
xa... tranxa de farrapos, miraculosamente esfarrapados. Dentão, tra-  
taboy uno e pabrarias, o vestido de Cendrillon, a coroa de rosas de  
Tatarica, a comeralda de Wero, a lampada de Aladim, a taca-  
do rei de Thule... Quem sabe, se ainda virgemos a Senaton?...

5- Ah minha vida! Que gachis! E eu nem mesmo sei o  
que quero!

16 - Que personagem irritante o deste romance idiota "La Vol-  
ta Du Louve v." - "Je me demande vingt fois, un soir, si je  
me coucherai à neuf heures ou si je courrai au dancing et je  
balancé encore, à onze heures, entre un pyjama posé sur le lit  
et un smoking posé sur la chaise... u' Le gata e sete pas-  
tel de que as mulheres o perseguiriam!... Um homem sem vani-  
dade, sem enjuria, sem coragem, nunca pôde ser verdadeiramen-  
te amado.

Ah, seu homem, e um belo impussivel trançar me seu ca-  
minho por onde eu quisera passar!



e a maneira de ser alguma coisa de firme neste mundo.

4 — Ó Bela imbecil, *trouxa* como tu dizias, irmão querido. Trouxa... trouxa de farrapos, miseravelmente esfarrapados. Dentro, há talvez oiro e pedrarias, o vestido de Cendrillon, a coroa de rosas de Titânia, a esmeralda de Nero, a lâmpada de Aladim, a taça do rei de Thule... Quem sabe se ainda ninguém a desatou?...

6 — A minha vida! Que *gâchis!* Se eu nem mesmo sei o que quero!

16 — Que personagem irritante o deste romance idiota *La ville du Sourire!* «Je me demande vingt fois, un soir, si je me coucherai à neuf heures ou si je courrai au dancing et je balance encore, à onze heures, entre un pyjama posé sur le lit et un smoking posé sur la chaise...» E gaba-se este pastel de que as mulheres o perseguiram!... Um homem sem vontade, sem energia, sem coragem, nunca pode ser verdadeiramente amado. Ah, ser homem, e um belo impossível trancar-me um caminho por onde eu quisesse passar!

19 - Que me importa a estirpa dos outros se eu tenho a minha? Que me importa a medocridade do mundo se Eu sou Eu? Que me importa o decalento da vida se ha a morte? Com tantas riquezas por que senta-me pobre? E os meus versos e a minha alma, e os meus sonhos, e os amores e a rosa, e a canção dos sapos nos erros humidos e a minha charanga aborrecida nos e os olhares vestidos de gata derralhada... e o consolo dos crepusculos e o murmureio das noites... estas coiza não é nada? Napoleão de saias que sempreis decajas? Que minutos gerasa com panitar? Estes, verdadeiramente, atacada de febres de grandezas!...

22 - O olhar dum bicho conhece-me mais profundamente que um olhar humano. He lá dentro uma alma que quise falar e não pode, promessa encantada por qualquer fada má... olha grande força de compreensão, bebendo-me, mergulho os meus olhos nos olhos de meu cão: tu que quises? E os olhos respondem-me e eu não entendo... Ah, ter quatro patas e compreender a simplicidade humilde, a angustiosa ansiedade de olhar! Afinal... de que tem os vros olhos, ó gentes?...

23

A vida tem a incerteza dum sonho. E quem sabe se real.

19 — Que me importa a estima dos outros se eu tenho a minha? Que me importa a mediocridade do mundo se *Eu* sou *Eu*? Que importa o desalento da vida se há a morte? Com tantas riquezas porque sentir-me pobre? E os meus versos e a minha alma, e os meus sonhos, e os montes e as rosas e a canção dos sapos nas ervas húmidas e a minha charneca alentejana e os olivais vestidos de Gata Borracheira e o assombro dos crepúsculos e o murmúrio das noites... então isto não é nada? Napoleão de saias, que impérios desejas? Que mundos queres conquistar? Estás, decididamente, atacada de delírio de grandezas!...

22 — O olhar dum bicho comove-me mais profundamente que um olhar humano. Há lá dentro uma alma que quer falar e não pode, princesa encantada por qualquer fada má. Num grande esforço de compreensão, debruço-me, mergulho os meus olhos nos olhos do meu cão: tu que queres? E os olhos respondem-me e eu não entendo... Ah, ter quatro patas e compreender a súplica humilde, a angustiosa ansiedade daquele olhar! Afinal... de que tendes vós orgulho, ó gentes?...

23

A vida tem a incoerência dum sonho. E quem sabe se real-

mente catatímicas a dormir e a acordar e acabamos por nos  
perder sem vida? Será a esse Serpente que se catatímicas chamamos  
Deus?

2

28 - Tratoras tão magritas! A Lúmina vai correndo a baucha, a  
prou e prou, mas implacavelmente, com regularidade. Deseja tra  
pr alma um diamante ou uma labareda e sinto nela a beleza  
inquieta e misteriosa das obras incompletas ou mutiladas.

Marco

13 - O Luiz tem no entanto, embora o não confesse, um grau  
de orgulho por não ser capaz de amar solidamente uma mulher.  
Como é que, sendo ele tão inteligente, não compreende esta ver  
dade tão simples: que aquele que não tem nada para dar é que é  
pobre? Chacim, mas amas aventuras sentimentais, dá, em tro  
ca de pedras preciosas dimheiros falsos e... como cada um dá o  
que tem, eles são sempre pedras preciosas e ele continua a dar  
dimheiros falsos. E, quando chegar a morte, terá ignorado todo os  
meios preciosos da vida: o prazer de possuir pedras preciosas  
e o prazer de as dar.

mente estaremos a dormir e a sonhar e acabaremos por despertar um dia? Será a esse despertar que os católicos chamam Deus?

28 — Estou tão magrita! A lâmina vai corroendo a bainha, a pouco e pouco, mas implacavelmente, com segurança. Devo ter por alma um diamante ou uma labareda e sinto nela a beleza inquietante e misteriosa das obras incompletas ou mutiladas.

### MARÇO

13 — O Luís tem no íntimo, embora o não confesse, um grande orgulho por não ser capaz de amar doidamente uma mulher. Como é que, sendo ele tão inteligente, não compreende esta verdade tão simples: que aquele que não tem nada para dar é que é pobre? Assim, nas suas aventuras sentimentais, dá, em troca de pedras preciosas, dinheiro falso e... como cada um dá o que tem, elas dão sempre pedras preciosas e ele continua a dar dinheiro falso. E, quando chegar a morte, terá ignorado dois dos maiores prazeres da vida: o prazer de possuir pedras preciosas e o prazer de as dar.

16 - Viagem - me, em certos momentos, uma princesinha, sobre um terraco, sentada num tapete. Era volta... tanta, coisa! Bichos, filhas, bonecos... brinquedos. e os rejes a princesinha aborrece-se de brincar e fica, horas e horas, esquiada, a olhar um outro mundo onde houverem brinquedos mais us, mais lihs e mais soldos.

## Abri

20 - Ponho - me, ao rizes, a olhar para o espelho e a examinar - me, feiras por feiras: os olhos, a boca, o modelado da fronte, a curva das palpebras, a linha da face... E esta amalgama gossosa e feia, gossosa e miseravel, saberia fazer versos? Ah, não! Existe outra coisa... mas o que? Afinal, para que pensar? Viver e não saber que se vive. Procurar o sentido da vida, sem mesmo saber se alguma sentido tem, e tarefa de poetas e de neurastenicos. Se uma vida de conjunto pode aproximar - se da verdade. Examinar em detahes e crear nos detahes. Por detahes da vida esta o sentido firme e se se encontra o que se não procura. Porque me não esqueço eu de viver... para viver?

16 — Imagino-me, em certos momentos, uma princesinha, sobre um terraço, sentada num tapete. Em volta... tanta coisa! Bichos, flores, bonecos... brinquedos. Às vezes a princesinha aborrece-se de brincar e fica, horas e horas, esquecida, a cismar num outro mundo onde houvesse brinquedos maiores, mais belos e mais sólidos.

## *ABRIL*

20 — Ponho-me, às vezes, a olhar para o espelho e a examinar-me, feição por feição: os olhos, a boca, o modelado da frente, a curva das pálpebras, a linha da face... E esta amálgama grosseira e feia, grotesca e miserável, saberia fazer versos? Ah, não! Existe outra coisa... mas o quê? Afinal, para que pensar? Viver é não saber que se vive. Procurar o sentido da vida, sem mesmo saber se algum sentido tem, é tarefa de poetas e de neurasténicos. Só uma visão de conjunto pode aproximar-se da verdade. Examinar em detalhe é criar novos detalhes. Por debaixo da cor está o desenho firme e só se encontra o que se não procura. Porque me não esqueço eu de viver... para viver?

28 - Não tenho forças, não tenho energia, não tenho coragem para nada. Sinto-me afundado. Sou o ramo de salgueiro que se inclina e diz que sim a todos os ventos.

Mais

2 - La Femme de Singe » de Delorme. Marlene encarnava-me, positivamente, sem eu, de maneira notável, uma obra prima e um livro admirável. Apesar a sua estrutura um pouco frágil, os seus exageros, o seu tom um pouco forçado de demonstração, é realmente qualquer coisa de bom. A sua « petite fille toute en or » longínqua como um idolo, é um magnífico pretexto para magníficas páginas cheias de evocação e de graça. « La jalousie et la haine sont des femmes de l'homme. C'est un encens amer, mais le plus précieux des encens, celui que les médiocres ne connaissent jamais ». Como é verdade! Este livro tem para mim o valor de me ter debaixo cada obra ele como se me tivesse debaixo sobre a minha alma de reparar. Lembros-me dela ter sido, Santos, uma pessoa, a alma corajosa e brava, terrosa e inquieta como a « petite fille toute en or ». E, também a mim, foi sempre eu o « encens » de Singe » que a corrola da terrura me foi dada...



28 — Não tenho forças, não tenho energia, não tenho coragem para nada. Sinto-me afundar. Sou o ramo de salgueiro que se inclina e diz que sim a todos os ventos.

## MAIO

2 — *La Monnaie de Singe*, de Delarme-Mardrus, encantou-me, positivamente; sem ser, de maneira nenhuma, uma obra-prima é um livro adorável. À parte a sua estrutura um pouco frágil, os seus exageros, o seu tom um pouco forçado de demonstração, é realmente qualquer coisa de bom. A sua «petite fille toute en or», longínqua como um ídolo, é um magnífico pretexto para magníficas páginas cheias de coração e de graça. «La jalousie et la haine sont des formes de l'hommage. C'est un encens amer, mais le plus précieux des encens, celui que les médiocres ne connaîtront jamais.» Como é verdade! Este livro tem para mim o valor de me ter debruçado sobre ele como se me tivesse debruçado sobre a minha alma de rapariga. Lembro-me de ela ter sido, dantes, um pouco, a alma corajosa e bravia, terna e inquieta duma «petite fille toute en or». E, também a mim, foi sempre em «monnaie de singe» que a esmola da ternura me foi dada...

Junho

15 - Est hoje, todas as minhas cartas de amor não são mais que a realização da minha necessidade de fazer frases. É o "Prime Charmant", vier, que lhe disse eu de novo, de sincero, de verdadeiramente sentido? Você julga amores que as mesmas palavras me servem para exprimir a mentira e a verdade!

Agosto

2 - Está escrito que há de ser sempre a mesma eterna inca  
sa. Porquê?

Setembro

13 - Água, para amor água a valer ou simplesmente um ma  
chape?

5 - Tento pela mentira um barrier quasi físico. Sinto - a ca  
sustancia e água - neste mesmo momento... sinto - e va  
juar, agnoscera e água, em volta da minha alma que  
vibra no orgulho de ser pura. E os outros me não corbe  
com, eu confesso - me, e tento orgulho, um inmensuravel  
del orgulho em mim!

## JULHO

16 — Até hoje, todas as minhas cartas de amor não são mais que a realização da minha necessidade de fazer frases. Se o Prince Charmant vier, que lhe direi eu de novo, de sincero, de verdadeiramente sentido? Tão pobres somos que as mesmas palavras nos servem para exprimir a mentira e a verdade!

## AGOSTO

2 — Está escrito que hei-de ser sempre a mesma eterna isolada... Porquê?

## SETEMBRO

1 — A águia, será uma águia a valer ou simplesmente um milhafre?

6 — Tenho pela mentira um horror quase físico. Sinto-a à distância e agora... neste mesmo momento... sinto-a vaguear, asquerosa e suja, em volta da minha alma que vibra no orgulho de ser pura. Se os outros me não conhecem, eu *conheço-me*, e tenho orgulho, um incomensurável orgulho em mim!

## Outubro

8 - Era simplesmente um milhafre. Guardar-me conta-  
sta, como um cristal transparente, para quê? Mas não vai  
ter um Jeremias... se na alma é que a Lamma se não apa-  
ga; aquela com que nos colpicam, se com água limpa.

## Novembro

15 - Mãe, mãe e mãe!

20 - A morte definitiva, ou a morte transfiguradora? Mas  
que importa o que está para além?

"Seja o que for, seja melhor que o mundo!"

"Tudo será melhor do que esta vida!"

24 - Há uma serenidade consciente da sua força na linha  
firme do seu perfil. Os lábios têm graça e nobreza; o sorriso,  
ironia e bondade, os olhos... não se examinam. Se olhamos...  
Deseja ter vivido de vida humana a vida. Há rubros mortos,  
como violetas esmagadas, na pele fina e macerada das mãos.

## OUTUBRO

8 — Era simplesmente um milhafre... Guardar-me intacta, como um cristal transparente, para quê? Mas não imitemos Jeremias... só na alma é que a lama se não apaga; aquela com que nos salpicam, sai com água limpa.

## NOVEMBRO

15 — Não, não e não!

20 — A morte definitiva ou a morte transfiguradora?  
Mas que importa o que está para além?  
Seja o que for, será melhor que o mundo!  
Tudo será melhor do que esta vida!

24 — Há uma serenidade consciente da sua força na linha firme daquele perfil. As mãos têm raça e nobreza; o sorriso, ironia e bondade; os olhos... não se examinam: deslumbram. Deve ter vivido dez vidas numa só vida. Há sonhos mortos, como violetas esmagadas, na pele fina e macerada das pál-

peças. Que santos descerão na miséria vida aquelas pessoas,  
reluzentes e seguros, que estão os caminhar, todos os cami-  
nhos da terra?

29 - « La Tendresse Humaine ne peut s'exprimer que par  
un seul geste : celui d'ouvrir et de refermer les bras. »

Dezembro

2 - É não haver gestos novos nem palavras novas!

pebras. Que rastros deixarão na minha vida aqueles passos, silenciosos e seguros, que sabem o caminho, todos os caminhos da terra?

29 — «La tendresse humaine ne peut s'exprimer que par un seul geste: celui d'ouvrir et de refermer les bras.»

## DEZEMBRO

2 — E não haver gestos novos nem palavras novas!





# POEMA

---

POEMA

---

A Lua ignóbil, informe  
É um diamante enorme  
Engastado no azul duma safira...  
A ignóbil Lua  
Inunda toda a rua...

Ó Almas de mentira,  
Almas cancerosas,  
De virgens que nunca se curvaram  
À janela dos olhos pra ver rosas  
E cravos e lilases e verbenas...

Ó Almas de gangrenas,  
Almas 'slavas, humildes, misteriosas,  
Cruéis, alucinantes, tenebrosas,  
Todas em curvas negras como atalhos,  
Feitas de retalhos,  
Agudas como ralhos,  
Cortantes como gritos!

Almas onde se perdem infinitos!...

Almas trágicas de feias  
Que nunca acreditaram  
Em beijos e noivados...  
E que desperdiçaram  
Quimeras aos braços  
E sonhos às mãos-cheias!...

Ó Almas de assassinos que morreram  
E riram e mataram!  
Almas de garras que se enclavinharam  
Em carnes virgens por sensualidade!

Almas de orgulho e de claridade  
Talhadas em diamante!  
Almas de gato-tigre, almas de fera!

Ó ébrios da quimera  
Ó cisternas sem fundo!  
Que trazeis nos olhos macerados  
Seivas de Primavera...  
Todo o horror do mundo!...

Ó Almas de boémios, rutilantes,  
Que não sabem que há sol,  
Almas esfuziantes  
Que atravessam o mar como um farol!

Ó Almas de poetas, assombradas,  
Almas sagradas  
De tanto adivinhar!  
Almas maravilhadas  
De arder em labaredas  
Sem nunca se queimar!

Almas de velhas que querem agradar...  
De amantes que não cessam de enganar...

Ó Almas de ladrões  
Onde passam, a rir, constelações!

Almas de vagabundos  
Onde há charcos e lagos  
Pântanos e lamas...  
Onde se erguem chamas,  
Onde se agitam mundos,  
E coisas a morrer...  
E sonhos... e afagos...

Almas sem pátria,  
Almas sem rei,  
Sem fé nem lei!  
Almas de anjos caídos,  
Almas que se escondem pra gemer  
Como leões feridos!

Vinde todas aqui à minha voz  
Que o mundo é ermo  
E estamos sós.

Vós todas que sois iguais a mim  
Ó Almas de mentira!  
Vinde à minha janela, à minha rua  
Ver a ignóbil Lua,  
A Lua informe,



O diamante enorme,  
Engastado no azul duma safira...

Vai passar certamente a procissão...  
Na minha rua vai um riso franco  
Um riso de alvorada!  
Há dentro dela tudo quanto é branco!  
É uma asa de pomba, desdobrada!...

Brancos os lilases e as rosas...  
Mudou-se em prata o oiro das mimosas  
E há lírios às molhadas,  
Aos feixes, às braçadas...  
Tudo branco, meu Deus!

Lá vêm os anjos todos de brocado,  
De olhos ingénuos e resplendor...  
O ar tem o sabor  
Dum grande morangal  
Que nunca foi tratado...

Olhem as virgens, olhem! Que sorriso!  
Vieram do Paraíso  
Mesmo agora...  
E todo o ar  
Parece acabadinho de lavar  
Ao despontar da aurora...

Caem do céu miríades de penas



Leves como aves...  
Dulcíssimas, suaves...  
Curvam-se as açucenas...

Em mãos de prata lá vêm os Evangelhos  
As casas, ao luar, são mais pequenas  
Puseram-se — quem sabe?... — de joelhos...

O ar é virginal...  
Um templo de cristal  
Onde, rodopiando,  
Passam brandas, arfando,  
Como asas de pombas sobre as eiras,  
O estandarte real  
E pendões e bandeiras!...

Quem vem?...  
Esvaiu-se num sopro a procissão...  
Silêncio! Nada! Ninguém!  
Pasma de coisas mortas!  
Alucinação!  
E o meu coração  
Põe-se a bater às portas...

E não abre ninguém!  
Ninguém! Ninguém! Ninguém!

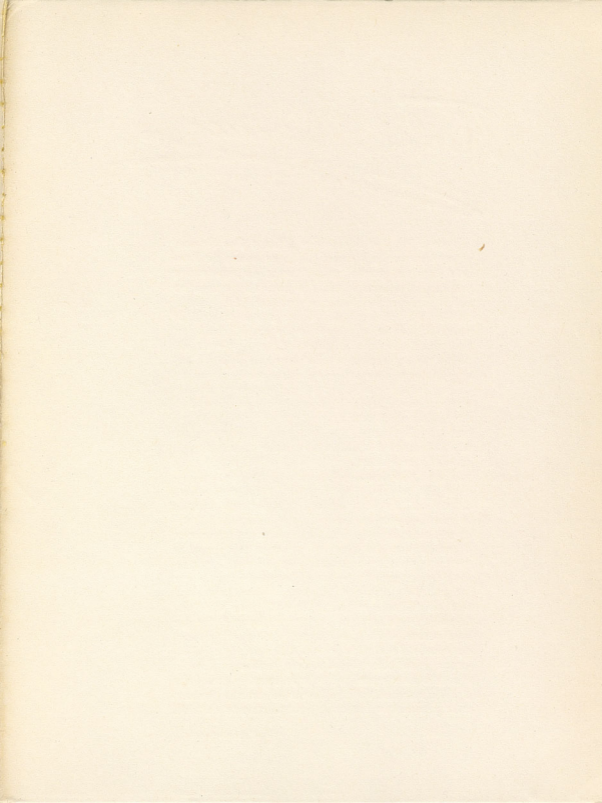




## ÍNDICE

	Pág.
Prefácio .....	7
Diário do Último Ano .....	31
Poema .....	63





# Florbela Espanca

Este diário é o registo dos últimos dias de uma virgem prometida à morte. Tudo na poesia de Florbela Espanca, poesia concupiscente do uso inteiro das sensações, nos encaminha para esta subida ao zénite da sua realidade arquetípica. Só quando talhada no mármore da morte a sua virgindade essencial, cessará o crescendo do gesto histriónico em que ela encarna o *pathos* da sua vontade de tragédia. Coquetismo patético com que Bela nos vai atraindo para o espectáculo final: a apoteose suicida do seu exibicionismo. Actriz do seu ser mítico de que está assombrada, Bela representa-se como diva do simbolizante feminino. A frívola dissipa-se na inconstância da sua insaciabilidade sempre a pedir novos enganos à vida, a provocar o clímax da sua agonia para expirar, na morte, o hálito puro da profunda. Os adereços da sua tragédia têm a futilidade das paixões vãs e fugidias que a consomem; a barateza das jóias de um guarda-roupa teatral: as pérolas do colar com que, nos lances dramáticos da sua sede de ser única, Bela aperta cada vez mais o seu pescoço de cisne até soltar o canto que se requinta quando a ave real dos lagos vai morrer. Esse pechisbeque fulgente do cognato frívolo da sua profundidade sequiosa de infinito — requisito bicéfalo da vigência mítica de que Florbela é sujeito dramático — chispa nas fulgurantes banalidades dos seus versos. Uma poesia maquilhada com langores de estrela de cinema mudo. Carregada de pó-de-arroz. Mas quem espalha essa poalha perfumada é a mão da virgem que nela se envolve para velar a sua intangibilidade. E mais se esconde quanto mais persuasivos forem os ritmos sensuais da fútil.